

REENCONTRO
literatura

Sir Thomas Malory

**O Rei Artur
e os cavaleiros da
Távola Redonda**

Tradução e adaptação em português de
Ana Maria Machado

Ilustrações de
Sérgio Niculitcheff



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição

Maria Cristina Carletti

Assistência editorial
Suely Mendes Brazão

Preparação
Márcia Copola

Revisão

Célia Maria Delmont de Andrade,
Célia Tavares, Thelma Annes de Araújo e
Amanda di Santis

Programação visual de capa
Didier Dias de Moraes

Editoração eletrônica de capa
Wladimir Senise

Diagramação
Rafael Vianna



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2012

ISBN 978-85-262-4197-8 – AL

ISBN 978-85-262-4198-5 – PR

Cód. do livro CL: 734811

13ª EDIÇÃO
15ª impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Le Morte
d'Arthur*, de Sir Thomas Malory.
New York: Heritage Press, 1955.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Malory, Sir Thomas, c. 1408-1471.

O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda /
Thomas Malory; adaptação em português de Ana
Maria Machado. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série
Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Machado, Ana
Maria, 1942-. II. Título. III. Série.

96-5307

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

• ● •

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• ● •

SUMÁRIO

<i>Quem foi Malory?</i>	5
Primeira Parte – O Rei Artur	
Capítulo 1 – O Mago Merlin.	9
Capítulo 2 – Artur é coroado rei.	13
Capítulo 3 – O Cavaleiro da Fonte.	20
Capítulo 4 – A Távola Redonda	26
Capítulo 5 – O Cavaleiro das Duas Espadas	29
Capítulo 6 – A traição da Fada Morgana	31
Capítulo 7 – Artur recupera Excalibur	36
Segunda Parte – Lancelote do Lago	
Capítulo 8 – As quatro rainhas.	39
Capítulo 9 – A Cadeira Perigosa	44
Terceira Parte – A procura do Santo Graal	
Capítulo 10 – A partida.	52
Capítulo 11 – O escudo branco	55
Capítulo 12 – A luz na capela.	57
Capítulo 13 – O encontro do Santo Graal	61
Quarta Parte – A morte de Artur	
Capítulo 14 – Sir Lancelote parte	65
Capítulo 15 – Sir Gawaine se vinga	70
Capítulo 16 – A última batalha	73
<i>Quem foi Artur?</i>	78
<i>Quem é Ana Maria Machado?</i>	80

QUEM FOI MALORY?

Se Thomas Malory tivesse vivido no tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda, teria sido justificado por um deles. Mas Malory viveu no século XV, quando as instituições já eram sólidas o bastante para que não fosse preciso fazer justiça com as próprias mãos.

Embora não existam documentos que o comprovem, é quase certo que Malory passou longos períodos na cadeia, cumprindo pena por estupro, assalto a conventos e roubo de cavalos. No entanto, ele pertencia a uma família aristocrática inglesa e chegou a ser membro do Parlamento. No fim da vida lutou na Guerra das Duas Rosas – a guerra civil inglesa –, até cair prisioneiro. Nessa ocasião, seu companheiro de cela foi um nobre que possuía uma vasta biblioteca de obras sobre o Rei Artur. Talvez por influência do companheiro, ou orientado por ele, Malory escreveu a sua própria versão a respeito do mais famoso herói da Inglaterra – *A morte de Artur*.

Malory morreu em 1471, sem ter sido libertado. Seu texto, publicado quatorze anos depois, foi um dos primeiros livros impressos na Inglaterra e é considerado a mais importante narrativa do ciclo arturiano (nome que se dá ao conjunto da literatura relativa ao Rei Artur).

Quem foram os autores das outras versões, a partir das quais Malory criou *A morte de Artur*?

Desde o século V os mosteiros tinham, além dos atributos religiosos, as funções de guardiães do saber. Não existiam escolas ou bibliotecas públicas como hoje conhecemos; nos claustros se transmitia a cultura e os livros eram guardados e copiados. Junto aos textos religiosos se conservavam os romances épicos gregos, que os monges traduziam para o latim. Os clássicos gregos, com seus enredos cheios de aventuras, eram muito apreciados como literatura profana. Por volta do ano 1100, a partir dos relatos heroicos da primeira cruzada, os temas das antigas epopeias clássicas passaram a ser adaptados para dar lugar aos feitos maravilhosos dos cavaleiros cristãos que libertariam Jerusalém dos infiéis.

Movido por esse espírito, no começo do século XII, um bispo inglês de origem normanda, chamado Geoffrey de Monmouth, recolheu histórias da tradição oral dos bretões (ver pág. 78) e compôs, em latim, a *História dos reis da Bretanha*. São 99 os reis descritos e Artur teria sido o 91º e o mais destacado de todos.

Em 1154 Wace de Jersey, um poeta normando, fez a versão para o francês da *História* de Geoffrey, intitulando-a *Gesta dos bretões*. Wace acrescentou alguns elementos à biografia do famoso rei, como a Távola Redonda – a mesa em torno da qual se reúnem os Cavaleiros –, e o dia milagroso em que Artur voltará de Avalon para governar novamente a Bretanha.

Cinquenta anos depois, baseando-se na obra de Wace, o Padre Layamon, de Worcester, escreveu uma história da Inglaterra, também em versos. Surgem pela primeira vez, na sua versão, as rainhas que levarão o rei mortalmente ferido para a Ilha de Avalon, e ainda outros detalhes das tradições bretã e normanda.

Nessa mesma época um outro poeta, Chrétien de Troyes, fazia sucesso na corte francesa.

Chrétien escreveu cinco romances sobre os personagens da Távola Redonda e introduziu, na sua concepção, a cidade e o castelo de Camelot. Morreu antes de concluir seu último trabalho: *O conto do Graal*. O Graal teria sido o cálice usado por Jesus na última ceia e conteria ainda gotas do sangue que Cristo verteu na cruz.

Robert de Boron, no final do século XII, desenvolveu o tema do Cálice Sagrado a partir do romance inacabado de Chrétien, ligando-o à tradição arturiana.

Desde então, e por mais quatrocentos anos, foram feitas inúmeras traduções para outras línguas além do latim, francês e inglês, e cada país da Europa acrescentou suas próprias lendas às aventuras do Rei Artur e seus cavaleiros.

A invenção da imprensa tipográfica, por volta de 1440, contribuiu para a divulgação rápida e em larga escala das novelas de cavalaria (antes disso, cada livro era copiado à mão).

Como as novelas de televisão de hoje em dia, esse gênero de literatura, a que chamamos *romance cortês*, teve grande êxito e, se

por um lado refletia o modo de vida dos nobres em seus castelos, por outro influenciava o comportamento dos leitores. Assim, por exemplo, a obediência cega do homem a todas as ordens da sua amada – o “amor cavalheiresco” – tornou-se um ideal. E, como ocorre entre Lancelote e a Rainha Guinever, o apaixonado nunca é o marido. Isso é fácil de ser compreendido numa época em que os nobres se casavam por conveniências políticas e sociais, e não por amor.

No final do século XVI o escritor espanhol Cervantes satirizou essa verdadeira mania dos romances de cavalaria, ao criar o célebre personagem que enlouquece por excesso de leitura de tais narrativas – D. Quixote. O sucesso da obra-prima de Cervantes, na literatura, e o fim do feudalismo, na política e na economia, marcaram a morte das novelas de cavalaria e o início dos tempos modernos.

Primeira parte

O Rei Artur

Capítulo 1

O Mago Merlin

Há muitos e muitos anos, quando Uther Pendragon era rei de toda a Inglaterra, o país ainda estava dividido em muitos feudos e outras terras fortificadas, cujos senhores muitas vezes travavam guerras entre si. Dentre os que não acatavam a autoridade real estava o Duque de Tintagil, da Cornualha. Uther Pendragon fez-lhe uma proposta de paz, e o duque veio até o seu castelo para acertar os detalhes desse acordo. Levou consigo sua mulher, Igraine, que era muito bonita. Tão bonita que o rei se apaixonou por ela.

Antes que as negociações chegassem a um bom termo, o Duque de Tintagil notou a paixão de Uther por Igraine e, temendo enfrentar os cavaleiros do rei pela honra de sua mulher, resolveu partir com seus homens e Igraine. Quando o Rei Uther soube da partida repentina do duque e da esposa, enfureceu-se e enviou mensageiros chamando-o de volta, dessa vez, sob grande ameaça: a negativa do duque deflagraria a guerra.